

O Projeto Sementes: Contexto, Desenvolvimento e Perspectivas.

PORTELA DE AZAMBUJA, Simone

SÚMULA

Escolheu-se relatar, neste estudo, a origem e desenvolvimento do Projeto Sementes, o qual foi instituído no Banrisul, pela Unidade de Negócios Rurais, em 2008. Analisar em que contexto o mesmo foi criado, seu desenvolvimento e suas perspectivas futuras também faz parte desse trabalho.

ABSTRACT

This study shows the origin and development of the Seed Project, which was instituted in Banrisul, at the Rural Business Unit, in 2008. In addition, examines in what context it was created, its development and future prospects.

DESENVOLVIMENTO

O termo agrobiodiversidade é relativamente recente. Surgiu, com forte ênfase, após a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), como um contraponto aos sistemas agrícolas convencionais, criticados por seu enorme impacto em relação ao meio ambiente e às sociedades tradicionais.

A agricultura dita moderna, intensiva em capital, de alta produtividade, baseada na monocultura de espécies que, para produzirem, exigem o aporte maciço de água, fertilizantes químicos e pesticidas, dá sinais de que ultrapassou o limite de equilíbrio, a capacidade de homeostase dos sistemas agroecológicos. Os sintomas podem ser detectados na contaminação do solo e das águas, na erosão e degradação da estrutura física dos solos, no envenenamento dos trabalhadores agrícolas, na contaminação dos alimentos, na perda de biodiversidade e erosão genética (Mercadante, 2002).

A questão da biodiversidade passa, então, a receber um tratamento mais crítico no que se refere ao seu uso e conservação, incorporando elementos de sustentabilidade ao processo. Por outro lado fortaleceu-se o conceito de “desenvolvimento sustentável”, o qual inclui, além dos aspectos econômicos, os aspectos sociais e ecológicos que interagem e criam uma relação de dependência. Nesse processo, as agriculturas tradicionais, cujos valores culturais, sociais e econômicos e o manejo dos recursos naturais são exemplos claros de “Manejo Sustentável da Biodiversidade”, ressurgiram com muita força. Ambas fortalecem a agricultura de base familiar e incorporam aspectos de segurança e de soberania alimentares.

Conforme Machado (2007), a biodiversidade trabalhada pelas populações tradicionais requer um complexo sistema de manejo e um profundo entendimento de seu ecossistema. Essas formas milenares de manejo serviram como base para as diferentes formas de agricultura ecológica existentes hoje.

Segundo o mesmo autor, em documentos da CDB, a agrobiodiversidade é definida como “um termo amplo que inclui todos os componentes da biodiversidade relevantes para a agricultura e alimentação e todos os componentes da biodiversidade que constituem os agroecossistemas”.

O melhoramento genético, com base em técnicas tradicionais ou na biotecnologia, depende da conservação da diversidade biológica. Todas as variedades de plantas cultivadas pelo homem, tradicionais ou “modernas”, foram desenvolvidas a partir de plantas silvestres. O ser humano não sabe criar genes, ele é capaz apenas de selecionar e misturar os genes existentes para produzir novas variedades. Quando precisa de novos genes para, por exemplo, aumentar a resistência de uma planta cultivada a pragas e doenças, o melhorista vai busca-los na natureza. Ao destruir a diversidade biológica, o homem está destruindo as matérias primas necessárias ao melhoramento genético, melhoramento este que, por sua vez, é fundamental para a manutenção da produtividade agrícola e a produção de alimentos.

Segundo Mercadante (2002), além de destruir as plantas silvestres, o homem está acabando com a variabilidade das plantas cultivadas. Agricultores tradicionais vem domesticando e conservando, ao longo dos séculos, milhares de variedades de plantas cultivadas. Uma pequena propriedade cultivada no sistema tradicional abriga uma diversidade biológica muitas vezes superior ao de uma grande propriedade dedicada ao cultivo de uma única variedade. Em conjunto com as plantas silvestres, as variedades tradicionais são uma fonte fundamental de genes para o melhoramento genético das plantas cultivadas. Além de cada vez mais vulnerável ao ataque de pragas e doenças e dependente de insumos químicos, irrigação e outros aportes de energia, a agricultura industrial está destruindo a segunda fonte de matéria prima fundamental para a superação dessas ameaças e dificuldades, vale dizer, a variabilidade genética das plantas cultivadas mantidas pelo agricultor tradicional.

A biodiversidade, a agrobiodiversidade e a agroecologia são conceitos próximos e bastante interligados por estarem relacionados às questões do meio ambiente, dos agroecossistemas e das comunidades tradicionais. Os mesmos formam um complexo funcional com diversas interações que originam os sistemas agroecológicos.

A agrobiodiversidade pode ser entendida como um processo de relações e interações do manejo da diversidade dentre espécies e entre elas, com conhecimentos tradicionais e com o manejo de múltiplos agroecossistemas, sendo um recorte da biodiversidade. Por sua vez, a agroecologia pode ser interpretada como o estudo das funções e das interações do saber local, da biodiversidade funcional, dos recursos naturais e dos agroecossistemas.

Tendo por base o referencial teórico até aqui citado, escolheu-se analisar, neste estudo, o contexto cultural e regional a partir do qual o Projeto Sementes foi criado e a decorrência de seu desenvolvimento a partir desse histórico.

Segundo NOAL (1999), o Rio Grande do Sul foi o estado precursor das preocupações ambientais no país, remontando, ao final da década de trinta, as primeiras articulações envolvendo a preocupação com a degradação do meio ambiente. Talvez não com o caráter orgânico, pois eram atitudes isoladas de preocupação e defesa dos recursos naturais do Estado, mas, segundo todos os participantes do movimento nos últimos vinte anos que foram ouvidos, essas atitudes desencadeadas na década de 1930, por Henrique L. Roessler, e, na década de 1940, por Balduino Rambo, foram vitais para desencadear o movimento ecologista organizado, que surgiu no final da década de 1960 no estado.

As manifestações ecologistas assumiram um caráter multidisciplinar pela sua abrangência e pela sua influência em diversos setores da sociedade (industrial, comercial, militar, escolar, estatal, etc.), nos quais sua abordagem passou a ser praticamente necessária, tanto do ponto de vista científico e tecnológico quanto na esfera das políticas públicas e, também, no plano do senso comum.

É nesta conjuntura que a partir de meados da década de 1980, diferentes ONGs "agroambientalistas" passam a constituir-se na forma de um movimento contestatório ao processo de modernização agrícola instaurado no Brasil. A Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educação (FASE) cria, em 1983, o Projeto Tecnologias Alternativas (PTA), o qual em 1989 dá origem a uma organização independente, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) que realiza trabalhos nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Mais especificamente no Sul, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) cria, em 1978, o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), o qual a partir de 1982 estendeu-se para outras regiões formando o CAPA-Erexim. Na região de Passo Fundo, a partir das reivindicações dos movimentos populares surge em 1986 o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP), com sede na cidade de Passo Fundo. Também no Rio Grande do Sul, a partir das lutas sócio-ambientais, é criado, em 1985, o Projeto Vacaria, posteriormente denominado de Centro de Agricultura Ecológica (CAE-Ipê). Na Região Celeira do Rio Grande do Sul existe o trabalho da Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa da Região Ceileiro/Departamento de Educação Rural (DER-FUNDEP), com sede em Braga (BRACAGLIOLI, 1997).

Essas ONGs tinham trajetórias diferenciadas e diversidade em termos de concepção do processo tecnológico e organizativo, porém compartilham, inclusive atualmente, sua unidade na forma de uma rede onde convergem idéias e ideais na construção da agricultura do futuro. De maneira geral, pode-se afirmar que existem princípios que são componentes da equação que estas entidades procuram trabalhar. Essas premissas podem ser agrupadas e envolvem basicamente produtividade, sustentabilidade e equidade social.

Mais adiante, com a incorporação mais profunda do conceito de agroecologia, através das Ong's supracitadas em conjunto com instituições públicas, associações de agricultores, escolas agrícolas e universidades iniciou-se um grande movimento no estado do Rio Grande do Sul, envolvendo a produção, certificação, comercialização e consumo de produtos agroecológicos.

Em parceria com a Emater, Secretaria da Agricultura, associações de agricultores e organizações não governamentais ligadas à agricultura ecológica, o Bannisul se insere nesse movimento com a criação do Programa

Rio Grande Ecológico (2001), o qual proporcionava aos agricultores ecológicos, juro zero em seus financiamentos.

Dentro desse contexto, a Unidade de Negócios do Banrisul, através de sua Comissão Socioambiental, em parceria com a Fundação Zoobotânica do RS, criou, em setembro de 2008, o Projeto Sementes. Num primeiro momento, houve distribuição de 160.000 sementes de árvores nativas, adaptadas às diferentes regiões biogeográficas do estado, aos clientes de crédito rural do Banco, bem como a participantes de eventos ambientais, em comemoração aos 80 anos da instituição. Cada participante recebeu um envelope com sementes da mesma espécie e um folder ilustrado com informações sobre as características, semeadura, germinação, plantio definitivo e suas funções socioambientais.

Nesse sentido, distribuiu-se, em 2009, na Expointer, aos clientes de crédito rural e à comunidade, mais de 10.000 sementes de árvores nativas adaptadas à cada região biogeográfica do estado. No mesmo evento, em 2010, o banco promoveu a entrega de sementes de horticultura agroecológicas aos produtores rurais, escolas e clientes da área rural. As diferentes espécies das sementes foram produzidas por cooperativas de agricultura familiar que trabalham com sistemas agroecológicos. Foram entregues, também, folders sobre produção e consumo de orgânicos e canetas ecológicas à base de plástico de amido de milho (que é biodegradável) e papelão reciclado.

Vale destacar, que o Banrisul é o único banco que participa da Comissão Estadual de Produção Orgânica do RS, apresentando atividades contínuas na mesma.

A instituição tem participado, historicamente dos eventos estaduais de agroecologia. No ano de 2008 e 2009, apoiou e organizou, em conjunto com vários órgãos, o nono e décimo Seminário Internacional de Agroecologia. O objetivo do apoio foi contribuir no processo de construção paradigmática para orientar estilos de agricultura de base ecológica e estratégias de desenvolvimento rural sustentável, tomando-se como referência a sustentabilidade e sua relação com a preservação de recursos naturais, com o manejo de agroecossistemas e com a ética socioambiental. Foram doados kits com sementes de horticultura agroecológicas e sementes de árvores nativas adaptadas às diferentes regiões do estado, a mais de 900 participantes. Essa ação se coaduna com a inserção do Banco ao Protocolo Verde e com a atual preocupação mundial sobre os efeitos das mudanças climáticas.

No Projeto Verão 2010, no município de São Lourenço do Sul, sementes de horticultura agroecológica foram distribuídas ao público local e turistas dentro de um conjunto de atividades ecológicas proporcionadas.

No mesmo ano, na VI Semana do Alimento Orgânico, promovida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, por meio da Superintendência Federal de Agricultura no Rio Grande do Sul, juntamente com a Comissão Estadual da Produção Orgânica no Rio Grande do Sul, foram distribuídas sementes de horticultura agroecológica, numa programação de mais de 150 eventos em 40 municípios do Rio Grande do Sul, entre palestras, cursos, oficinas, degustação e visitas de campo. A atividade conta com parceiros governamentais, da iniciativa privada e do terceiro setor, como supermercados, escolas, universidades e entidades associativas de consumidores e produtores orgânicos.

Em 2009 e 2010, o Bannrisul apoiou a 4ª e 5ª Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares da UNAIC - União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu e Região, que dedica-se a trabalhar com sementes crioulas e tecnologias populares a mais de uma década, partindo do princípio de que estas são fundamentais na preservação da biodiversidade, na resistência e reinclusão social. É um evento de abrangência estadual com a participação e o intercâmbio de países da América Latina e MERCOSUL, como a Argentina, Chile, Venezuela, Uruguai e Paraguai.

No ano passado, trabalhou-se em parceria com o Projeto "Guardiões da Agrobiodiversidade", numa ação que envolveu doze municípios do Alto Uruguai, com distribuição de sementes crioulas de milho e feijão, além de folders de produção e consumo sustentável a agricultores familiares, quilombolas e agrupamentos indígenas.

O Projeto Sementes tem como um de seus objetivos, resgatar e preservar as variedades de sementes e mudas que se encontram em risco de extinção, preservar a importância histórica e cultural das mesmas, garantir a segurança e a soberania alimentar, buscar a autonomia dos agricultores familiares no processo produtivo e transformar a preservação da biodiversidade em uma alternativa de renda e diversificação da propriedade.

Nesse ano, já estão previstas ações no Projeto Cuidadores da Cidade (oficinas de hortas comunitárias), na VII Semana Nacional da Alimentação Orgânica (em mais de 50 municípios) e no programa Estadual de Frutíferas Nativas.

No total já foram distribuídas, de 2008 até o momento atual, mais de quatro milhões de mudas de árvores nativas (adaptadas a cada região biogeográfica do RS) e de sementes crioulas e de horticultura agroecológica, a produtores rurais, escolas, associações de agricultores, grupos de estudantes, feiras agroecológicas, grupos indígenas, quilombolas e em eventos ambientais ligados à área rural e de agroecologia.

CONCLUSÃO

O manejo comunitário da biodiversidade é uma abordagem participativa da comunidade, dirigida para fortalecer a capacidade dos agricultores e das comunidades rurais para manejar a biodiversidade visando ao benefício social, econômico e ambiental da unidade de produção e da comunidade. Essa abordagem fortalece o poder dos agricultores, e das comunidades para se organizarem, desenvolverem estratégias e planos que apoiem a gestão e a conservação da agrobiodiversidade nas unidades de produção familiares, como sistemas sadios de sementes, bancos comunitários de sementes, de feiras de diversidade, de feiras de sementes e registros comunitários. Essas ações resultam num maior controle da comunidade sobre os seus recursos, com o aumento da capacidade para a conservação nas unidades de produção e de opções sustentáveis de modos de vida com seleção cuidadosa e apropriada de insumos externos e de riscos.

Dentro desse contexto, pretende-se continuar dando suporte a processos de tomada de decisão e ao controle dos recursos de nossas diferentes comunidades. Tem-se como objetivo, igualmente, trabalhar de forma mais efetiva com os elementos fundamentais que formam a base do manejo comunitário da biodiversidade que são: auxiliar na ampliação do conhecimento sobre biodiversidade e paisagens associados; apoiar sistemas sociais que facilitem a manutenção e a troca dos recursos genéticos pelos

agricultores; agir em parceria com instituições que apoiem e gerenciem localmente o acesso à biodiversidade, auxiliar na popularização de tecnologias, processos e práticas que agreguem valor aos recursos genéticos comunitários.

O apoio da instituição à reafirmação da identidade dos agricultores ecológicos em torno de um projeto amplo, aliada a uma conjuntura social caracterizada pela valorização da ecologia, é que permitirá a esse movimento, além de maior reconhecimento social, redefinir seu trabalho como uma atividade autônoma, criativa, portadora de sentido, participando, igualmente, de uma sociedade solidária em uma ruralidade cidadã e viva.

BIBLIOGRAFIA

BRACAGLIOLI, Alberto. Interconectando idéias e ideais na construção da agricultura do futuro. Rede Tecnologias Alternativas/Sul. In: ALMEIDA, Jalcione; NAVARRO, Zander (org.) **Reconstruindo a agricultura** – idéias e ideais do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

MERCADANTE, Maurício. Da agricultura neolítica aos organismos transgênicos. In : BENSUSAN, Nurit (org.) **Seria melhor mandar ladrilhar ?** Biodiversidade como, para que, por quê. Brasília: Editora UNB, 2002. p. 159-164.

MACHADO, Altair Toledo. Biodiversidade e Agroecologia In : DE BOEF, Walter, THIJSSSEN, Marja Helena, STHAPIT, Bhuwon (org.) **Biodiversidade e Agricultores**, fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre : Editora LPM 2007. p. 40-44.